E-mails protegidos
Descontos especiais

UOL Assine 0800 703 3000 SAC Bate-papo E-mail Notícias Esporte Entretenimento Mulher Shopping BUSCAR

na Cult na Web

CONECTE-SE Esqueci minha senha
LOGIN
SENHA

MATÉRIAS EDIÇÕES COLUNAS OFICINA LITERÁRIA TV CULT BLOG MARCIA TIBURI ESPAÇO CULT LOJA CULT

Entrevista – Michael Burawoy

TAGS: Entrevista

Sociólogo da Universidade de Berkeley (California) conta sua experiência de 20 anos como operário e mostra como ela permitiu sua posterior revisão do marxismo

Ruy Braga

Em um ambiente marcado pela especialização, poucos sociólogos acrescentariam o título de "operador geral de máquinas" a seus currículos. Que dizer, então, de "operador de fornos"? Se estivermos nos referindo ao sociólogo nascido na cidade de Manchester e radicado na Califórnia Michael Burawoy, não encontraremos simplesmente essas qualificações, como também outras: "encarregado de pessoal" (na República da Zâmbia), "ferramenteiro" (na Hungria)

Ao longo de mais de 20 anos, esse professor de sociologia em Berkeley trabalhou como operário em diferentes países, estudando as grandes transformações do mundo do trabalho por meio do "método do estudo de caso ampliado", isto é, uma tentativa de aplicar a ciência reflexiva à etnografia a fim de extrair o geral do singular, mover-se do "micro" ao "macro" e conectar o presente ao passado em antecipação ao futuro. Trata-se de uma técnica capaz de mostrar que a experiência de trabalhadores em seus locais de trabalho reflete a estrutura social mais geral da sociedade na qual eles se encontram inseridos.

Assim, Burawoy foi capaz de estudar a descolonização africana, a crise do fordismo, a construção do socialismo burocrático e seu colapso final, sempre privilegiando a perspectiva daqueles sujeitos sociais imediatamente envolvidos nesses processos: os operários. Nesta entrevista, concedida à CULT, Burawoy fala sobre sua experiência de operário e sobre como ela permitiu sua posterior revisão da teoria marxista.

CULT – Você acabou de lançar nos Estados Unidos o livro *Extended case method*. Nele, sintetiza 40 anos de experiências estudando trabalhadores em países tão diferentes como Zâmbia, Estados Unidos e ex-União Soviética. Por que o "método do estudo de caso ampliado" pode ser útil para compreendermos o papel de trabalhadores em transformações tão distintas quanto a descolonização africana e o colapso das sociedades do Leste Europeu?

Michael Burawoy – As pessoas perguntam como é possível passar alguns meses trabalhando em uma fábrica de móveis no norte da Rússia em 1991, e então escrever um artigo sobre a transição do "socialismo estatal" para o "capitalismo"! Como fazer declarações sobre o macro quando se estuda o micro? Como generalizar a partir de um único caso? Como pode uma simples fábrica na remota República de Komi dizer algo sobre a transformação da Rússia como um todo? Essa experiência me permitiu dizer muita coisa, e acredito que tenha sido um tanto profético, quando defendi que a transição da qual éramos testemunhas em 1991 (o ano do colapso) estava destinada ao desastre, pois não era uma transição para o capitalismo burguês moderno, mas para um capitalismo historicamente anterior, um capitalismo mercantil no qual o lucro ocorre no domínio da troca em vez de ocorrer na transformação da produção. De fato, o que veríamos seria um processo de retração no qual o comércio, a máfia, as finanças – todos agindo no domínio da troca – iriam devorar os meios de produção, o que eu chamei de processo de desacumulação primitiva. Tudo isso era visível para mim por ter trabalhado naquela única fábrica de móveis e "ampliado o caso".

O método do "estudo de caso ampliado" é simplesmente uma técnica que procura mostrar como as experiências dos trabalhadores em qualquer fábrica – ou em qualquer conjunto de microprocessos – refletem a estrutura social na qual eles estão inseridos. Significa passar um período de tempo longo com os trabalhadores, às vezes mais do que um ano, para observar as nuances de suas vidas e compreender as forças sociais que moldaram suas experiências, especialmente nas relações com outras empresas e com as instituições estatais (ministérios, partidos, sindicatos).

Trata-se de observar cuidadosamente as pequenas mudanças que ocorrem no interior da

EDIÇÃO 198

EDIÇÕES ANTERIORES

fábrica para compreender as origens de mudanças macroestruturais. Neste caso, significa compreender as diversas relações da fábrica de móveis – tanto com sua cadeia logística quanto com seus consumidores.

Mas não é possível fazer isso apenas com observações, por mais detalhadas e cuidadosas que sejam. Você precisa de um corpo teórico que permita formalizar essas relações, que permita, afinal, ligar o micro ao macro. No contexto da transição do planejamento soviético de 1991, a teoria não estava mais dando conta e então a tarefa foi reconstruí-la para que se adaptasse às novas circunstâncias nas quais o controle estatal estava sendo substituído por um tipo de comércio espontâneo.

CULT – Você é um reconhecido pensador marxista. Em que medida sua experiência como operário trabalhando em fábricas e siderúrgicas na Hungria e na União Soviética durante o colapso do socialismo burocrático afetou sua compreensão do marxismo?

Burawoy – Talvez eu fosse um pensador marxista, mas agora me considero mais um marxista pensante. Vinte anos de trabalho em fábricas na Hungria e na Rússia colocaram um fim ao meu otimismo.

Fui para a Europa Oriental, inspirado pelo movimento "Solidariedade", que aconteceu na Polônia em 1980-1981 – possivelmente, um dos primeiros movimentos verdadeiramente revolucionários da classe trabalhadora em toda a história. Impossibilitado de entrar na Polônia após o golpe de Jarulzelski, em dezembro de 1981, comecei a pesquisar na Hungria o potencial do socialismo estatal, a possibilidade de que aquilo se transformasse em alguma forma de socialismo democrático, preconizado naquela época pelo Solidariedade. Enquanto trabalhava em várias fábricas na Hungria, vi de fato todos os tipos de socialismos alternativos possíveis. Mas, no fim, todas essas fantasias foram desfeitas com a transição para um mercado capitalista incipiente e que vi agonizar na Rússia nos anos 1990.

Meu marxismo não foi muito útil para compreender essa transição do socialismo para o capitalismo, e então migrei para uma teoria diferente, a de Karl Polanyi, autor de *A grande transformação* (*The great transformation*). O clássico de Polanyi descreve o desastre nas sociedades que deram continuidade ao fundamentalismo de mercado no século 19 e início do século 20. Ele não acreditava que o mundo voltaria a experimentar o fundamentalismo de mercado.

Ele errou, mas sua teoria fornece um excelente ponto de partida para o estudo do processo de transição para uma economia de mercado que aconteceu na Rússia e em outros lugares. Ele diverge de Marx, no sentido de que seu foco é o mercado e não a fábrica, o comércio e não a produção, a mercantilização e não a exploração. Polanyi também vê movimentos sociais organizados para defender a sociedade contra a mercantilização do trabalho, do dinheiro e do ambiente. Argumentei que hoje a mercantilização é uma experiência mais profunda e visceral do que a exploração, que o capitalismo consegue iludir com sucesso.

A partir daí, foi um pequeno passo para trazer Antonio Gramsci de volta e uni-lo com Polanyi, a fim de desenvolver a ideia de um socialismo voltado para a sociedade (*society-centered socialism*). O marxismo clássico trabalhava com um socialismo voltado para a economia, o marxismo soviético com um socialismo voltado para o Estado, e hoje, finalmente, devemos trabalhar por um socialismo voltado para a sociedade. Como diria meu amigo Erik Wright, resgatar o social no social-ismo!

CULT – Você começou seus estudos sobre trabalhadores na Zâmbia, além de ter morado na África do Sul. Às vésperas da Copa do Mundo, esse país está sendo tomado por greves de operários e manifestações de rua. Isso pode levantar uma questão instigante: ocupação de fábricas na França, greves na China, manifestações na África do Sul... Após décadas de neoliberalismo, a classe trabalhadora voltou?

Burawoy – Ela voltou, ou seria o último suspiro antes de sua morte? Uma de minhas colegas, Beverly Silver, escreveu um livro chamado Forças *do trabalho: movimentos de trabalhadores e globalização desde 1870*, no qual argumenta que, quando os trabalhadores das indústrias se organizam contra o capital, o capital se muda para um novo país no qual o ciclo recomeça em um outro tipo de arranjo espacial. Desse ponto de vista, o ressurgimento do sindicalismo também é infinito. Nunca chega a uma conclusão. Isso pode se enquadrar no cenário recente marcado por lutas na China e na África do Sul, e o caso francês sugere que também existe um retorno ao começo!

Essa é a visão otimista. Como vou à África do Sul todo ano, vejo a redução da classe trabalhadora industrial à medida que a economia se torna cada vez mais informal e a terceirização e o desemprego substituem os trabalhos manuais. Você pode dizer que o novo governo Zuma inclui uma representação mais forte do trabalho, mas não há sinal de reversão na política econômica. Na China, a história é um pouco diferente porque lá existe uma longa tradição revolucionária de protestos, mesmo que eles sejam fragmentados, aquilo que minha colega Ching Kwan Lee chamou de "ativismo celular" (*cellular activism*).

Para compreender melhor tudo isso, eu olharia não mais para os trabalhadores das grandes indústrias, mas para os trabalhadores do setor de serviços. Em 2006, algo muito inesperado aconteceu nos EUA: milhões de trabalhadores latino-americanos saíram para protestar contra a legislação que criminalizaria os chamados imigrantes sem documentos. Eram, em sua maioria, trabalhadores do setor de serviços defendendo seus direitos humanos. Costumava-se dizer que seria impossível "organizar" os trabalhadores imigrantes, mas hoje, nos EUA, parece que os únicos trabalhadores que são capazes de se organizar são os imigrantes!

TWITTER

Tweets Seguir

Revista Cult 36m
@revistacult
FESTIVAL DE BERLIM: "Peter Greenaway ressuscita Sergei Eisenstein em ótima comédia". goo.gl/o2Qnh7 pic.twitter.com/iXcVCYYBb2

Expandir

Revista Cult 6h
@revistacult
Leia no blog da @marciatiburi: "Ignorante com poder e sem poder – um problema no âmbito da legalização do aborto". goo.gl/AYbHZ6
Expandir

Revista Cult 22h
@revistacult
Festival de Berlim se rende a filme que denuncia acobertamento de criminosos pela Igreja. goo.gl/yUBHvY pic.twitter.com/JIfrQgZpOV

Tweetar para @revistacult

Fenômenos similares acontecem pelo mundo: não são mais os trabalhadores industriais, mas os trabalhadores periféricos do setor de serviços unidos por identidades oprimidas, de gênero, raça ou cidadania, que tomam a defesa de seus interesses, o que Jennifer Chun chamou de "política simbólica". Esses trabalhadores, nos EUA, mas também na Coreia do Sul, na África do Sul, na França e em outros lugares, constroem redes de solidariedade e apoio contra a humilhação pública de seus empregadores. Podemos estar testemunhando aqui uma mudança decisiva no caráter das lutas sindicais – de um movimento de trabalhadores industriais, desmobilizados pela mobilidade do capital, para um movimento de trabalhadores de serviços marginalizados, mas mobilizados por uma política simbólica.

CULT – Seu livro mais conhecido, *Manufacturing consent*, originou-se de sua experiência como operário industrial em Chicago, em 1974 e 1975. Que paralelos podemos traçar entre a situação da classe trabalhadora estadunidense durante a crise econômica dos anos 1970, especialmente a recessão de 1973-1974, e a crise atual?

Burawoy – A situação hoje é incomparável. Em 1973-1974, o núcleo da indústria dos EUA ainda estava no sul de Chicago, onde trabalhei como operador de máquinas. Hoje é uma zona industrial abandonada. Não há mais uma classe trabalhadora. Os afro-americanos foram arrancados de suas casas (tomadas por especuladores imobiliários) e foram despejados, sem cerimônia, no lado sul, onde surgiam bairros de classe mais baixa.

O que vemos hoje é o fim da indústria dos EUA, caracterizado pela estatização preventiva da General Motors, que estava à beira da falência, e a ascensão do capital financeiro que, mesmo com toda a boa vontade do mundo, Obama simplesmente não consegue controlar. Atualmente, a hegemonia do capital financeiro determina os rumos do Estado, independentemente de quem esteja na Casa Branca. Saber se o crescimento do capital financeiro prefigura uma crise orgânica do capitalismo – algo que talvez nunca tenhamos visto anteriormente –, assim como o poder do capital financeiro no fim do século 19 prefigurou a Grande Depressão dos anos 1930, bem, isso é algo que eu deixo para você ponderar...

Comente Compartilhar Imprimir

Curtir 28 pessoas curtiram isso. Seja o primeiro entre seus amigos.

ARTIGOS RELACIONADOS

25/11 - Em busca de um vilarejo chamado Nick Drake
13/11 - Adeus a Manoel de Barros
17/10 - Des-heterossexualizara cidadania é ainda uma frente de batalha
14/10 - Demônios maduros

0 Comentários Revista Cult Entrar

Ordenar por Melhor avaliado Compartilhar Favorito

Comece a discussão...

Seja o primeiro a comentar.

Assinar feed Adicione o Disqus no seu site Privacidade

Pç. Santo Agostinho, 70 | 10º andar | Paraíso | São Paulo, SP | CEP 01533-070 | Tel.: (11) 3385-3385 - Fax.: (11) 3385-3386

Copyright © 2014 Editora Bregantini. Todos os direitos reservados.